

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS**

GABRIELA CENTURIONE

**CHAPEUZINHO, VÁ PASSEAR NO BOSQUE E NOS DEIXE CONTAR
OUTRAS HISTÓRIAS**

**SÃO PAULO
2024**

GABRIELA CENTURIONE

**CHAPEUZINHO, VÁ PASSEAR NO BOSQUE E NOS DEIXE CONTAR
OUTRAS HISTÓRIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Artes Cênicas da Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de São
Paulo para obtenção do grau de licenciada em
Artes Cênicas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia de Souza
Barros Pupo

SÃO PAULO

2024

Dedico este trabalho aos alunos que gentilmente escutaram as histórias que eu tinha para contar e que criaram comigo. Essas narrativas são nossas, espalhem-as por onde forem.

AGRADECIMENTOS

À minha Tia, Teresa, professora e minha madrinha, obrigada por todos os mundos imaginários que criamos, obrigada por me ensinar tanto.

Às crianças da minha vida, inclusive as adultas, obrigada por fazerem de conta comigo.

Aos meus amigos, Luanda e Matheus, por me acompanharem nas aulas, ideias e loucuras, obrigada por deixarem tudo mais leve.

Aos meus colegas de turma, pelas ricas trocas.

À minha professora e orientadora Malu, pela sinceridade e precisão.

À atriz, professora e contadora de histórias Simone, por nosso breve e marcante encontro.

À professora Adriana, que me acolheu durante um ano em sua sala de aula, obrigada por compartilhar comigo as dores e alegrias da nossa profissão.

A todas as professoras que passaram por mim, obrigada por me mostrarem os caminhos do conhecimento e da vida.

Aos alunos que estiveram comigo, pela entrega e curiosidade, esse trabalho é para vocês.

À minha psicóloga, Thais, por me ajudar a reencontrar minha voz.

À minha irmã, Daniela, por vir do jeito que é. Ser sua irmã é uma aventura, Dani.

A meus pais, por se aventurarem comigo.

Louise disse: "Vamos olhar para o céu enquanto estamos girando "Nós seguramos as mãos uma da outra no centro da clareira e começamos a girar. Lentamente no começo. Nós levantamos o queixo e olhamos direto para a área azul sedutora. Mais rápido, só um pouco mais rápido, mais, mais ainda. Sim, socorro, nós estávamos caindo. E a eternidade venceu, afinal. Nós não conseguíamos parar de girar nem de cair, até eu ser arrancada das mãos dela pela ávida gravidade e ser jogada para o meu destino no chão... não, para o alto, não para baixo. Eu me vi em segurança e tonta no pé do sicômoro. Louise foi parar de joelhos do outro lado da clareira.

Era a hora de rir. Nós perdemos, mas não tínhamos perdido nada. Primeiro, começamos a dar risadinhas e seguimos embriagadas uma na direção da outra, depois começamos a gargalhar alto. Nós batemos nas costas e nos ombros uma da outra e rimos mais ainda. Nós nos divertimos à custa de algo, e isso não era melhor do que tudo?

Ao ousar desafiar o desconhecido comigo, ela se tornou minha primeira amiga.

“Eu sei por que o pássaro canta na gaiola”

Maya Angelou

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é um relato de experiência reflexivo que explora a contação e criação de histórias não hegemônicas com crianças do segundo ano do ensino fundamental (7 a 8 anos). Realizada em uma escola pública da zona oeste de São Paulo, a pesquisa buscou realizar propostas com a linguagem teatral que contribuíssem com a diversificação do imaginário infantil. Para isso, foram feitas oito aulas práticas que estimularam habilidades de escuta, apreciação e criação de narrativas.

Palavras-chave: contação de histórias, criação de histórias; histórias não hegemônicas; infância; escola pública.

ABSTRACT

This thesis is a reflective experience report that explores the storytelling and creation of non-hegemonic stories with second-year elementary school children (7 to 8 years old). Conducted in a public school in the western zone of São Paulo, the research aimed to propose theatrical language activities that contribute to diversifying children's imagination. To achieve this, eight practical classes were held to stimulate listening, appreciation, and narrative creation skills.

Keywords: storytelling, story creation; non-hegemonic stories; childhood; public school.

RESUMEN

Este trabajo de fin de grado es un informe de experiencia reflexiva que explora la narración y creación de historias no hegemónicas con niños del segundo año de la educación primaria (7 a 8 años). Realizada en una escuela pública de la zona oeste de São Paulo, la investigación buscó proponer actividades con el lenguaje teatral que contribuyeran a la diversificación del imaginario infantil. Para ello, se realizaron ocho clases prácticas que estimularon habilidades de escucha, apreciación y creación de narrativas.

Palabras clave: narración de historias, creación de historias; historias no hegemónicas; infancia; escuela pública.

LISTA DE FIGURAS

Figuras 1, 2 e 3: Contação Como a Girafa perdeu a voz?	33
Figuras 4, 5 e 6: Dedoches Por que Galinha come Barata?	43
Figuras 7 e 8: Dedoches Como a Girafa perdeu a voz?	43
Figuras 9, 10 e 11: Dedoches Ananse vira o dono das histórias	44
Figuras 12, 13 e 14: Dedoches Como o Sapo virou guardião das histórias?	44

SUMÁRIO

SUMÁRIO	8
QUEM SÃO OS PERSONAGENS E ONDE SE PASSA?	9
1. COMO E POR QUE ESSA HISTÓRIA SERÁ CONTADA?	11
1.1 Vamos brincar de faz de conta?	11
1.2. “Vai só ficar contando história? Para de melação!”	15
2. AMIZADES	20
2.1. Galinha e Barata	20
2.2. Abdula e Mohammed	24
3. CRIANÇAS, ME CONTEM UMA HISTÓRIA	28
4. E COMO ACABA?	30
4.1. Lebre e Girafa	30
4.2. Ananse	34
4.3. Sapo	39
5. O QUE FICA?	42
O INÍCIO DE UMA HISTÓRIA	45
REFERÊNCIAS	47

QUEM SÃO OS PERSONAGENS E ONDE SE PASSA?

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa de oito meses realizada no curso de Licenciatura em Artes Cênicas da USP. Em tais circunstâncias, é orientado aos graduandos que seja desenvolvido um trabalho de campo, especialmente em instituições públicas, com o objetivo de retribuir de alguma maneira para a sociedade o que ela nos ofereceu durante a nossa formação.

Sendo assim, por se tratar de um curso de licenciatura, é necessário que os alunos realizem um grande número de horas de estágio, que são essenciais para que possamos pensar com nitidez as questões da educação que nos são caras. Tendo isso em vista, optei por realizar o meu trabalho em uma escola que tinha me acolhido enquanto estagiária por cerca de um ano.

A minha aproximação com tal instituição se deu através do Programa Residência Pedagógica, do qual participei de Maio de 2023 a Março de 2024. O programa em questão propunha que alunos de licenciatura estabelecessem uma relação direta com a escola pública. Em meu caso, fui direcionada a essa escola estadual para acompanhar a professora de Arte com suas turmas de 2º e 3º ano do ensino fundamental. Assim, durante o programa, frequentei a escola uma vez por semana e, com os demais residentes e a professora, fiz reuniões para pensar os temas latentes do dia a dia escolar.

No final do Residência Pedagógica, todos os estagiários fizeram a regência de algumas aulas, de maneira que, eu e meu colega Matheus, acompanhando as mesmas turmas, optamos por elaborar o projeto “Colecionando brincadeiras”. Com ele, tínhamos o objetivo de propor momentos nos quais as crianças pudessem se relacionar umas com as outras e com o ambiente escolar de forma prazerosa, aprendendo através do brincar.

Aliado a isso, tínhamos a vontade de trabalhar com a contação de histórias, assim, trouxemos a narrativa de Joana e Carlo, que seriam “colecionadores de brincadeiras”. Nesse universo que criamos, tais personagens viajavam o mundo para brincar de tudo que pudessem e teriam ido para essa escola para experienciar as brincadeiras que os alunos de lá gostavam.

Ao final dessa prática, tive o anseio de mergulhar mais fundo no estudo e no compartilhamento das narrativas. Com esse desejo já em mente, encontrei com a fábula de Chapeuzinho Vermelho duas vezes na escola e foi a partir desses dois encontros que achei de bom tom mandá-la “passar no bosque”. Não acreditava ser proveitoso vê-la mais uma vez naquele contexto, seria mais interessante contar e criar outras histórias com as crianças, histórias que pudessem diversificar o imaginário delas.

Dito isso, este trabalho foi estruturado enquanto um relato de experiência reflexivo acerca de uma sequência de oito aulas de 45min que foram regidas entre Setembro e Outubro de 2024. Durante essa prática, trabalhamos com quatro blocos de aula intitulados: “Amizades”, “Crianças, me contem uma história”, “E como acaba?”, “O que fica?”.

O bloco “Amizades” é tratado no capítulo 2, e tem como linha condutora duas histórias de amizade: a da Galinha e a da Barata; e a de Mohammed e Abdula. Já o bloco “Crianças, me contem uma história” é detalhado no capítulo 3, partindo da experiência de duas aulas de criação de narrativas e improviso com as crianças. O bloco “E como acaba?”, por sua vez, é descrito no capítulo 4, a partir de três aulas que tiveram como objetivo a criação de finais para histórias que eu contei. Por fim, o bloco “O que fica?” se encontra desenvolvido no capítulo 5, no qual é relatada a proposta de confecção de dedoches, feita na última aula. No mais, o capítulo 1 apresenta a relação deste trabalho com as principais referências bibliográficas no qual ele foi baseado, na busca de justificar a sua relevância. Boa leitura!

1. COMO E POR QUE ESSA HISTÓRIA CONTADA?

1.1 Vamos brincar de *faz de conta*?

Durante o período que estive nessa escola, pude presenciar diversos acontecimentos e entender o seu funcionamento. Um dos eventos que acontece anualmente é a Feira Cultural, na qual as crianças mostram alguns dos projetos artísticos que foram desenvolvidos durante o semestre. Em um sábado de novembro de 2023, tal evento aconteceu e nele houve uma apresentação teatral dos alunos do 3º ano.

Na ocasião, os estudantes contaram a clássica história de Chapeuzinho Vermelho utilizando-se de uma espécie de método coringa, através do qual diversas crianças passavam pelo mesmo personagem. Os alunos permaneciam no palco junto com a professora, que ficava em um canto auxiliando no que fosse preciso. As crianças que falavam seguravam um microfone e estavam envergonhadas, falando baixo e olhando para o chão, de forma que a maioria esquecia suas falas e movimentações.

A partir do episódio acima é possível pensar diversas temáticas, inclusive o conceito da *criança atuante* (GARCÍA, 2022). Tive contato com esse termo em uma disciplina de infâncias e decolonialidades - optativa ministrada no Departamento de Artes Cênicas da USP pelo professor Luvel Garcia. Em seu texto “Da criança atuante à criança performer aos corpos infantis biomediados no contexto latinoamericano”, ele faz uma comparação entre o que chama de *criança atuante* e *criança performer*.

A primeira está relacionada à ideia de uma criança prodígio que, através da técnica, representa personagens em dramaturgias fechadas. A segunda, por sua vez, está relacionada à valorização da experiência e da presença lúdica infantil, sem grandes preocupações com o resultado que será apresentado. Assim, me pareceu que na peça de Chapeuzinho, as crianças estariam implicadas enquanto atuantes. Isso porque parecia haver uma preocupação tão grande em apresentar um produto acabado para a comunidade escolar que não pareceu ter sido desenvolvido um processo que tivesse sentido para as crianças, ou que lidasse de alguma forma com a subjetividade delas.

O acontecido também me fez lembrar da pesquisa de Luciana Hartmann acerca das crianças contadoras de histórias. Enxerguei em seu trabalho uma prática que deu pistas para o

entendimento do que eu desejava com o meu. No artigo que li - intitulado “Equilibristas, viajantes, princesas e poetas” - Hartmann relata a experiência que teve em uma escola de Sobradinho, Brasília-DF, com crianças do 4º e 5º ano, que visava a contação de histórias pelos alunos.

Nessa prática, o que mais me chamou a atenção foi a maneira como Hartmann se propunha a escutar as histórias das crianças. A pesquisadora deu a cada aluno um pequeno caderno onde suas narrativas seriam registradas de forma que no fim do processo, como contrapartida pela participação na pesquisa, ela propôs a criação de um livro por turma com algumas histórias selecionadas. Hartmann conduziu alguns encontros que objetivavam instaurar uma atmosfera propícia para o compartilhamento das histórias e, para que isso ocorresse, iniciava sempre com um jogo ou uma brincadeira. Em seguida, contava uma narrativa escolhida ou vivida por ela e, por fim, abria o espaço para os alunos compartilharem as suas histórias.

Colocados esses interesses e autores de referência, mais um relato merece destaque. Curiosamente ou não, o episódio da Chapeuzinho Vermelho se repetiu neste ano, mas desta vez, em uma sequência de aulas de Arte na qual se trabalhava com a linguagem teatral. Os alunos, depois de terem lido o conto, encenaram a história. Com a sala dividida numa formatação de palco e plateia, enquanto a maior parte das crianças assistia, um grupo de alunos por vez ia até o local do palco fictício e dramatizava a história de acordo com o que a professora narrava e indicava.

Com base nesses acontecidos, me questionei: por que ainda hoje são escolhidas, dentre tantas outras narrativas, fábulas europeias como a de Chapeuzinho Vermelho para serem o centro de propostas pedagógicas brasileiras? E ainda, por que reiterar na escola uma narrativa hiper conhecida, altamente disseminada, ao invés de procurar enriquecer o repertório dos alunos com outras histórias?

É importante ressaltar que não há nenhum problema com a história de Chapeuzinho em si, esse conto veio da tradição oral e teve muitas versões escritas e difundidas ao redor do mundo. Assim, é necessário reconhecer o seu valor e o que há de atraente nele, é preciso entender o que faz as pessoas contarem, recontarem e recriarem essa narrativa tantas vezes.

Em um trecho do livro “As fadas estão no Divã”, os autores refletem acerca das diversas versões do conto e concluem:

Todas as narrativas mantém o essencial, por isso são reconhecidas, afinal o que faz um conto são os elementos em jogo, não necessariamente seus desfechos. O conto da Chapeuzinho contém um drama sobre a perda da inocência, e isso está preservado em todas as versões. (CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário, 2006, p. 53)

Desse modo, o inconveniente não está em trabalhar com este conto específico, afinal ele possui sua riqueza. O incômodo vem porque muitas vezes essas e outras fábulas estadunidenses e europeias, principalmente as popularizadas pelos Irmãos Grimm, são as únicas narrativas que recheiam o imaginário infantil brasileiro.

Essas reflexões me fazem lembrar da minha infância. Eu era uma criança que adorava brincar de “faz de conta” com minhas amigas. Nos intervalos da escola, sempre me reunia com elas para decidirmos de qual história brincaríamos. Se fosse de princesas, eu seria a *Aurora* pois ela é loira de olhos castanhos, minha amiga ruiva seria a *Ariel* e a de cabelos lisos e pretos, seria a *Branca de Neve*. Se fosse de “Meninas Super-Poderosas”, eu seria a *Lindinha*, a ruiva a *Florzinha* e a de cabelos pretos a *Docinho*.

Como meninas brancas, tínhamos uma imensa gama de possibilidades disponíveis em nosso imaginário. Podíamos pensar rapidamente em diversas personagens que poderíamos ser em nosso faz de conta. E, estudando em uma escola particular de classe média alta de São Paulo, todas as crianças eram brancas como nós; todo mundo poderia ser o personagem que quisesse em nossa brincadeira pois não faltavam opções em nosso repertório.

Em compensação, trago um relato de Chimamanda Ngozi Adichie, uma escritora nigeriana, que em uma palestra do canal *TED Talks*, traz reflexões sobre o perigo de uma história única. Nesse vídeo, ela relata que começou a ler com quatro anos de idade e a escrever histórias com sete anos. Ela lia livros infantis estadunidenses e britânicos e, por isso, escrevia histórias nas quais seus personagens eram bancos de olhos azuis, comiam maçãs e conversavam sobre o tempo. Mesmo ela sendo uma criança negra, que comesse mangas e morasse em um lugar no qual não houvesse necessidade de comentar sobre o tempo. Sobre isso, ela conclui:

“Ao meu ver, o que isso demonstra é como nós somos impressionáveis e vulneráveis face a uma história, particularmente enquanto crianças. Porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu me convenci de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ser estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não poderia me identificar pessoalmente.” (TED, 2009)

Se Chimamanda fosse minha colega na escola, ela não poderia brincar de “faz de conta” comigo. Não haveria personagens disponíveis em nosso imaginário para ela ser. Suas possibilidades de existência seriam infinitamente mais limitadas que as minhas. Ainda no vídeo, Chimamanda relata como a sua percepção acerca da literatura mudou quando ela descobriu os escritores africanos. Ela viu a possibilidade de existir enquanto escritora, a descoberta de autores como ela salvou-a “de ter uma história única sobre o que livros são” (TED, 2009).

Nesse sentido, penso junto com Maylla Chaveiro e Luzinete Minella em seu artigo *Infâncias decoloniais, Interseccionalidade e Desobediência Epistêmica*. Nele, as autoras refletem como há um padrão de infância universal enraizado em nosso entendimento como o único possível. Em contrapartida a isso, elas levantam a questão da interseccionalidade da infância, enfatizando que as crianças são atravessadas por diversos marcadores sociais e tem muitas de suas vivências definidas por eles, ressaltando a pluralidade da existência infantil. Elas dizem que é imprescindível “considerar a noção de infâncias em perspectivas interseccionais, a fim de elucidar as complexidades inerentes ao processo de entrelaçamento entre raça/etnia, gênero, classe social, nacionalidade/territorialidade, religião, geração, orientação sexual, capacidade.” (RODRIGUES DE SOUZA CHAVEIRO, SIMÕES MINELLA, 2021,p.103)

Sendo assim, o presente projeto surge como uma tentativa de diversificar o imaginário das crianças, de não compactuar com a história única de Chapeuzinho Vermelho e toda conjuntura que ela carrega consigo. Surge com a vontade de que todos possam brincar de faz de conta como eu brincava.

Cabe aqui uma observação acerca da representatividade: como esse projeto gira em torno das narrativas orais, não foram utilizadas imagens para ilustrar as personagens. Além disso, todas as histórias que contei, exceto uma, eram protagonizadas por animais, muito presentes em diversos contos africanos, que foram a principal referência para realização deste trabalho.

Assim, a questão da representatividade está muito mais relacionada com a estrutura das histórias e com o desejo de não compactuar com um protagonismo branco, do que com a presença de personagens racialmente diversos.

Por último, este projeto também nasce com a vontade de realizar um trabalho com o teatro que seja significativo para os alunos, que os leve mais em conta. Pensando em como aplicar propostas nas quais eles se impliquem enquanto *crianças performers*, e, claro, surge com o desejo de escutar as histórias que eles têm a contar.

1.2. “Vai só ficar contando história? Para de melação!”

Na primeira aula que lecionei, tive uma breve conversa com os alunos, explicando que nossos próximos encontros girariam em torno da contação e criação de histórias. Nesse diálogo, um aluno, que chamarei ficcionalmente de Igor, revirou os olhos e disse a frase que leva o título deste item. O comentário de Igor me levou a refletir sobre o porquê de contar histórias. E por que através da oralidade? Por que não ler um livro e mostrar suas imagens, ou ainda, por que não trabalhar com um filme? Assim, o que caracteriza o ato de narrar e por que ele é importante?

Walter Benjamin define o narrador enquanto uma pessoa que compartilha suas experiências, ou as que escutou de outrem, com seus ouvintes. Desta maneira, ele é capaz de transpor o seu imaginário individual para um imaginário coletivo. Nele, o autor também faz uma análise a respeito da figura do narrador e do porque ela estaria em queda.

Em tal texto, é destacada a existência de dois tipos de narradores presentes nas comunidades rurais europeias da era pré-industrial. O primeiro era o narrador viajante, que compartilhava com seus ouvintes novas experiências e valores vindos de longe. O segundo, eram os narradores locais, que contavam vivências e tradições da comunidade. Sobre esse segundo tipo, Luis Alberto de Abreu faz uma análise em um trecho de seu texto “O narrador contemporâneo”:

Sabemos que aquele narrador era uma autoridade em sua comunidade por ser repositório e veiculador das histórias tradicionais que reafirmavam a coesão cultural do grupo. Era um guardião do conhecimento de seu grupo e de seu

tempo. Suas histórias transmitiam experiência humana, valores, conselhos sobre trabalho e vida, crenças, informações técnicas, todo um arsenal de conhecimento necessário à vida material e espiritual da comunidade. (ABREU, 2010, pg. 3)

No mesmo parágrafo, o autor ainda coloca que “A interação entre esses dois tipos de narrador, um da tradição e outro da ruptura, tornavam o imaginário da comunidade rural dinâmico, atuando na conservação de valores tradicionais e, ao mesmo tempo, permeável a novos valores e conhecimentos.” (ABREU, 2010, pg. 3)

Indo além, é possível enxergar a figura do narrador em outros contextos, como nos povos da cosmologia bantu-kongo (bakongo). No livro “Kindezi: A Arte Kôngo de Cuidar de Crianças”, os autores K. Kia Bunseki Fu Ki.Au e A.M. Lukondo-Wamba fazem um panorama acerca do valioso papel de cuidar de crianças nos povos Kongo. Nestas sociedades, é comum que os mais velhos sejam um dos grupos sociais responsáveis pelos cuidados dos pequenos, uma vez que não possuem mais a disposição física para o trabalho, mas que, em contrapartida, são donos de uma extrema força espiritual.

Justamente por isso, os anciãos são responsáveis também pelo compartilhamento de histórias com as crianças. Eles já passaram por um considerável crescimento espiritual, chegando mais perto de seus ancestrais, assim, têm o dever de contribuir com a constituição dos valores morais dos mais jovens e preservar a união cultural da comunidade.

Tendo entendido o que está se levando em conta quando se faz referência à figura do narrador neste trabalho, se faz importante pensar sobre a próxima questão: por que então essa personalidade estaria em crise em nossa sociedade?

Segundo Benjamin e Abreu, a maior causa desse processo de extinção estaria relacionada ao fato de que não vivemos mais em comunidades possuidoras de uma unidade cultural. Com o avanço do sistema capitalista, valores individualistas e imediatistas dominaram nosso dia a dia, e a partir disso, outras formas de comunicação se tornaram mais importantes.

Benjamin destaca duas dessas linguagens que continuam presentes em nosso contexto: o *romance* e a *informação*. O *romance* enquanto forma literária surge em solos europeus no período moderno como sintoma de um culto ao indivíduo e se diferencia das outras formas de

prosa por não proceder de tradições orais, nem alimentá-las. O autor desenvolve ainda mais essa diferenciação:

O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segregase. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los. Escrever um romance significa, na descrição de uma vida humana, levar o incomensurável a seus últimos limites. (BENJAMIM, 1976, pg. 201)

A *informação*, por sua vez, surge também em território europeu com a consolidação da burguesia e o surgimento da imprensa, que passa a ser uma ferramenta essencial do capitalismo. Com o intuito de levar notícias rapidamente aos seus ouvintes, a *informação*, diferentemente da narrativa, e nesse caso do *romance*, se dá no plano do real, do corriqueiro, é indispensável que ela seja plausível. Além disso, essa linguagem só possui valor quando é inédita e apresenta fatos rodeados de explicações para que, na lógica do imediatismo, os receptores precisem do menos de tempo possível para compreendê-la.

Atualmente ainda, outro fator se faz presente: a indústria do entretenimento. Sobre isso, Abreu comenta: “A indústria cultural padroniza e pasteuriza a experiência humana para transformá-la em produto de fácil e rápida produção e igualmente fácil e rápido consumo.” (ABREU, 2010, pg. 11), associando o esvaziamento da experiência com a necessidade de praticidade.

Ligado a isso, pode-se entender a internet como um desdobramento ao extremo da *informação*. Os conteúdos das redes sociais, cada vez mais comprimidos e explicativos, precisam transmitir sua mensagem o mais breve possível, pois os usuários não possuem o tempo e a paciência para interpretar as mensagens por conta própria.

Além disso, a sensação de infinitude proporcionada pelos algoritmos, que estão a todo tempo apresentando um conteúdo novo aos usuários, reforça a ideia de que a *informação* só teria valor enquanto inédita. Enquanto consumidores das redes, estamos continuamente “arrastando para baixo”, numa automática e insaciável busca pela novidade que nos faz descartar um conteúdo assim que ele acaba de ser consumido.

Dessa maneira, a narrativa aparece como uma espécie de antídoto. A contação de uma história permite que se estabeleça uma conexão entre narrador e ouvinte, que vivem juntos uma experiência num tempo dilatado, fértil para a imaginação. Com isso, os ouvintes são capazes de se relacionar diretamente com o fato narrado, expandindo a história contada para suas vidas, adicionando novas camadas de sentido a cada vez que se escuta e conta.

Abreu traz ainda uma outra função para o narrador contemporâneo. Para ele, o narrador atual possui também o importante papel de deslocar seus ouvintes do mundo corriqueiro, e transportá-los para um mundo místico que abra possibilidades ficcionais. Sobre isso:

O narrador tem por função tirar sua comunidade de ouvintes do mundo cotidiano em que ela se encontra, e conduzi-la ao mundo das imagens onde seus integrantes vivenciarão significativas experiências humanas, quer tolas e risonhas, quer dramáticas e pungentes, amorosas ou raras. (ABREU, 2010, pg. 20)

Desse modo, é importante permitir que a ficção tome as rédeas de nossa mente, pois a partir dela somos capazes de projetar novos mundos e, assim, transformar a nossa realidade. Para Abreu, a ficção tem o poder de “envolver e conduzir um público a uma experiência humana ficcional e trazê-lo de volta com uma compreensão ampliada de si mesmo e dos outros seres humanos.” (ABREU, 2010, pg. 20)

Por último, considerando que essa prática foi pensada para o contexto escolar, as perguntas colocadas neste item podem ser pensadas a partir da Base Curricular Comum (BNCC). Uma das habilidades da linguagem teatral que o documento recomenda desenvolver nos anos iniciais do ensino fundamental é justamente:

(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional. (BRASIL, 2017, p. 203).

Assim, me aparo também na base curricular e nas habilidades indicadas por ela para justificar meu trabalho. Por fim, relato que Igor acabou gostando das histórias. Muitas vezes ele era o único aluno da sala que respondia com precisão quando eu perguntava “vocês lembram sobre o que era a história da aula passada?”.

Mas mesmo tendo sua atenção capturada, é possível que Igor ainda não encontre sentido em contar histórias, pode ser que continue achando inútil. E em certa medida, é mesmo. Não serve pra nada de utilitário. Uma história é capaz de despertar o sensível do ouvinte, de tocá-lo em sua subjetividade, e isso pode ser bem “melado” mesmo.

2. AMIZADES

Para começar a contar, fiz uma busca por histórias que estariam de acordo com os objetivos desta pesquisa. Por sorte, encontrei em meu repertório pessoal duas narrativas pertinentes, que tinham em comum a temática da amizade.

A primeira, eu havia escutado em um encontro de contação de histórias de autoria negra em 2023, o *Ananse*. A história girava em torno do questionamento “Por que galinha come barata?”. A segunda eu escutei de uma amiga, que escutava de seu pai, e ele, do seu. O avô de minha amiga era palestino, portanto, essa história vem de lá, e retrata dois episódios da amizade entre os personagens Abdula e Mohammed.

Vale ressaltar que na contação de todas as histórias, enquanto narradora, busquei sempre manter o contato visual. Esse elemento foi de extrema importância para conduzir os ouvintes pela narrativa contada, uma vez que meu corpo era o único instrumento que utilizava para transmiti-la. Além disso, eu também ficava sentada em roda com os alunos, no mesmo plano que eles.

Com relação a voz, busquei sempre uma modulação que fosse confortável para mim. O mais desafiador quanto a isso foi manter o ritmo das narrativas, pois muitas vezes era preciso parar a contação para chamar a atenção de algum aluno, ou resolver alguma demanda do momento. Apesar disso, num geral as histórias puderam ser contadas sem grandes problemas.

2.1. Galinha e Barata

Optei por começar as aulas com uma breve conversa com as crianças. Falei que a ideia era fazermos uma sequência de aulas nas quais ouviríamos e contaríamos histórias. Perguntei para elas o que era preciso para contar histórias e, em seguida, o que era preciso para ouvir histórias.

Para a primeira pergunta, os alunos responderam “imaginação”, “concentração” e “livros”. Concordei com eles e os questionei a respeito dos livros. É claro que, com a queda dos narradores, a maior parte do nosso repertório de histórias acaba vindo de livros, filmes e desenhos, por exemplo. Porém, coloquei também a questão das narrativas orais, pois, para

que fossemos bons contadores de histórias, era importante que também fossemos bons ouvintes.

Já para a segunda pergunta, surgiram respostas similares e eles enfatizaram como o silêncio era importante para se escutar histórias. Então, eu trouxe que, para além do que eles haviam levantado, era necessário que, durante nossa escuta, ficássemos de olhos, ouvidos, coração e mente bem abertos.

Dessa maneira, no início de todas as contações eu tocava um reco reco em forma e som de sapo que tinha como função ajudar a abrir nossos sentidos para a narrativa que viria. Falei para as crianças que ele seria o guardião das nossas histórias e que portanto, deveríamos acordá-lo no início da contação e colocá-lo para dormir ao final para que ele guardasse muito bem o que havíamos contado.

Feita essa conversa, seguimos para a sala de Arte e jogamos o jogo “quem iniciou o movimento” para estimular nossa concentração. Com a turma em roda, um dos alunos ia ao centro e seu objetivo era encontrar qual de seus colegas estava liderando o movimento. A sala, por sua vez, devia imitar os movimentos da maneira mais discreta possível para que o líder não fosse descoberto. Eles se engajaram bastante nesse jogo e foram aprimorando suas táticas a cada rodada.

Conversa feita, jogo jogado, roda arredondada e sapo acordado, a contação havia de começar. Sendo assim, segue a versão da primeira história redigida por mim:

Por que galinha come barata?

Não sei se você já reparou, mas sempre que barata chega perto de galinha, a pequena não tem vez.

A Barata e a Galinha costumavam ser muito amigas. Viviam uma na casa da outra. Adoravam brincar, jogar videogame, ficar batendo papo... eram grandes companheiras. Certo dia, a mãe da Barata foi entrar no quarto da filha. Ela foi tentar abrir a porta mas, o

quarto da Barata estava uma bagunça tão grande que ela só conseguiu colocar a cabeça para dentro do cômodo.

Tinham roupas espalhadas, peças de jogos, brinquedos... (*perguntar para as crianças o que mais havia no quarto*) Fora o cheiro fétido dos restos de comida apodrecendo há uma semana! A mãe da Barata ficou furiosa. Ela disse: “Barata! Se você não arrumar esse quarto até amanhã, a galinha nunca mais vem aqui em casa.”

A Barata reclamou: “Ai que saco! Arrumar e limpar é tão entediante...”. A Galinha, como a boa amiga que era, pensou em uma boa solução: “Olha Barata, o meu quarto também está precisando de uma arrumação... e se a gente se ajudasse? Hoje eu te ajudo a limpar o seu e amanhã você me ajuda a limpar o meu! Assim a gente fica conversando, se distraindo, e o tempo passa mais rápido!”

A Barata gostou da ideia, de forma que naquele mesmo dia, as amigas arranjaram uma vassoura, um rodo, panos... (*perguntar para as crianças o que mais as amigas haviam arranjado*). O quarto da Barata ficou um brinco! Tudo arrumadinho e cheiroso! As amigas cansadas, se despediram e combinaram de se encontrar no dia seguinte às oito da manhã na casa da Galinha para limpar o quarto dela.

No começo da noite, quando sua amiga foi embora, a Barata ficou admirando o que elas tinham feito. Ela estava tão feliz, mas tão feliz! Ela queria mostrar para os outros como seu quarto estava um brinco. Então, ela teve a ideia de convidar alguns de seus amigos para testemunharem o resultado da limpeza.

Ela chamou o Coelho, a Girafa, o Cachorro... (*perguntar para as crianças quem mais a barata havia chamado*) e os bichos começaram a entrar no quarto da barata com suas patinhas sujas da rua. E eu não sei se você sabe, mas bicho quando se reúne, adora tomar suco de laranja, o que deixa eles muito felizes.

E aquela bicharada toda foi ficando animada, eles conversaram, jogaram, dançaram, se divertiram tanto que nem viram o tempo passar. De repente, a Barata escutou o canto de sua amiga Galinha. Já eram cinco da manhã. A Barata ficou desesperada e falou para todos

os bichos: “Gente, vocês precisam ir embora agora!!! Eu preciso estar na casa da Galinha em três horas!!!”

A bicharada saiu apressada, e o Coelho na sua volta, passou na frente da casa da Galinha. A bichinha achou estranho o colega por lá aquelas horas, afinal, coelho era bicho que adorava ficar dormindo até tarde. Ela disse “Pulou da cama hoje meu amigo?”. O Coelho, distraído e cansado disse: “Eu nem dormi ainda! Tô voltando pra casa agora lá da reunião da Barata...”. A Galinha estranhou: “Como assim reunião da Barata?”. E o Coelho: “É horas, a Barata quis mostrar pra gente como o quarto dela estava arrumado e limpinho...”.

A Galinha não estava gostando daquela história mas resolveu esperar para reagir, queria falar com sua amiga antes de mais nada. Ela ficou esperando a Barata. Quando deu oito horas, a amiga não apareceu. Oito e quinze, ainda não. Oito e meia, nada... A Galinha se irritou e foi até a casa da barata ver o que estava acontecendo.

Da parte de fora da casa da Barata era possível ver o seu quarto. Assim, quando a Galinha foi se aproximando, ela pôde ver o cômodo que as amigas haviam limpado e arrumado com tanto cuidado, todo bagunçado, sujo e fedido novamente. Viu também sua amiga capotada na cama, toda manchada de suco de laranja. A Galinha ficou furiosa. E num ímpeto de raiva... comeu a Barata.

A Galinha nunca conseguiu perdoar a amiga, e é por isso que até hoje, quando elas se aproximam, a Galinha come a Barata.

Após a contação, os alunos fizeram alguns comentários e questionamentos. Um deles perguntou: “A Barata morreu?”. Então eu disse para a sala: “Não sei. O que vocês acham?”. O mesmo aluno respondeu: “Eu acho que sim porque meu pai me contou que nosso estômago tem um ácido que queima tudo que a gente come, então a Barata deve ter sido queimada e morreu”. Ao passo que eu disse: “É possível.” E ele por fim: “Prô, essa história não é de criança. A gente pode ter pesadelo.” Curiosamente, Chapeuzinho e sua avó também foram comidas, mas por um lobo. Me pergunto então se essa seria considerada uma história para crianças.

Questionamentos à parte, entendi a preocupação de meu aluno. Ele estava se referindo a um tipo específico de história tidas como “infantil”. Quando penso nesse termo, as primeiras ideias que me vêm à mente são de uma história colorida, com personagens mágicos, músicas agudas e uma missão que, quando cumprida, promove o final feliz dos personagens. Pensando assim, a história que eu contei definitivamente não é de criança. E que bom.

Essa lente “infantil” pela qual muitas vezes as crianças são vistas tem uma origem reducionista. A palavra *infância* vem do latim e significa “incapacidade de fala”, aludindo a um ser incompleto, em desenvolvimento, com um vazio que precisa ser preenchido e, consequentemente, incapaz de participar da vida social. Por serem vistas como esse ser que ainda não é vigoroso, muitas vezes a imagem da criança é associada à ingenuidade e fragilidade.

Em oposição a isso, baseei este trabalho na Sociologia da Infância, uma linha de pensamento que enxerga os pequenos enquanto seres completos. Para tal, a corrente estabelece três premissas importantes:

a primeira diz respeito à criança como sujeito portador de direitos e, devido a isso, tem agência; a segunda diz respeito à infância como construção social histórica e não universal e a terceira defende que as crianças são atores sociais e, desse modo, atuam na dinâmica social, transformando a história e a cultura, o que implica dizer que as crianças atuam positivamente eativamente nos processos de socialização e são, acima disso, produtoras de cultura. (ABRAMOWICZ, 2018, pg. 379)

A Sociologia da Infância ajuda a reconhecer as crianças enquanto pessoas, a respeitar as suas complexidades e necessidades, a enxergá-las com dignidade. Alicerçada nesses princípios, não procurei por histórias simplistas que trouxessem uma boa moral ou um “felizes para sempre”, muito menos mundos mágicos brilhantes e alegres com uma trilha sonora irritante. Busquei histórias envolventes, que nos surpreendessem de alguma maneira e que também nos estimulassem a criar.

2.2. Abdula e Mohammed

Seguimos então para a segunda aula. Neste dia, jogamos mais algumas partidas do jogo do encontro anterior. Jogo jogado, roda arredondada e sao acordado, a contação havia de começar. Segue a versão da segunda história redigida por mim:

Abdula e Mohammed

Abdula e Mohammed eram amigos de uma vida toda. Juntos, faziam longas viagens entre o Egito e o Sudão para comercializar tecidos. Nas suas travessias, andavam com seus camelos por imensos desertos, tão grandes que por dias e dias não conseguiam avistar nada para além de areia.

Em dado momento de seu percurso, era preciso atravessar uma ponte de madeira que ficava sobre um rio. Naquele dia, o rio estava mais cheio do que o comum e a ponte, mais bamba. Os amigos iniciaram sua travessia com cuidado, mas em certa altura, Mohammed acabou pisando em falso em um pedaço de madeira velha.

O amigo caiu com tudo no rio, e como não sabia nadar direito, não demorou muito para começar a se afogar com a correnteza. Abdula, que era um ótimo nadador, não pensou duas vezes e pulou no rio para resgatar seu amigo. Os dois lutaram contra as águas por longos dez minutos até conseguirem chegar a uma margem do rio.

Quando pisaram em terra firme, Mohammed logo chamou um *escriba* (*Expliquei para as crianças que naquele contexto, não eram todas as pessoas que sabiam escrever, por isso, haviam escribas que realizavam essa função para quem precisasse*) para registrar o ocorrido. Pediu que ele escrevesse em uma pedra na margem do rio, a seguinte frase: “No dia de hoje, Abdula salvou a vida de seu grande amigo Mohammed.”

Algum tempo se passou e os amigos continuaram se acompanhando em suas viagens. Porém, houve um fim de tarde em que, já exaustos de sua caminhada, os parceiros se desentenderam. Brigaram por um motivo besta que já nem lembravam mais, mas Abdula, tomado por sua raiva, acabou batendo em seu amigo.

Depois de uma longa noite de sono, Mohammed chamou novamente um escriba e pediu para que escrevesse, desta vez na areia, a seguinte frase: “No dia de ontem, Abdula bateu em seu grande amigo Mohammed.”

É sabido que Abdula e Mohammed continuaram suas longas caminhadas, mas não se tem certeza de por onde andam agora. Apesar disso, até hoje, viajantes que cruzam a velha ponte, conseguem avistar a pedra que registrou o belo ato de amor entre os amigos.

Terminada a contação, surgiram algumas dúvidas acerca dos nomes dos personagens. Expliquei que eram palestinos, e que a Palestina se localizava no Oriente Médio, falei também que pertenciam à cultura árabe, mas me vi desamparada. Os alunos não compreendiam os termos e localizações aos quais eu fazia referência, nossa conversa foi ficando cada vez mais confusa, o tempo foi passando e eu não consegui me fazer entender.

Hoje vejo que essa aula poderia ter sido planejada de outra forma. Primeiro, era possível ter previsto que a história não era longa e que seria necessário haver outra proposta pós-contação. E a partir disso, uma mediação que explorasse as localidades e elementos levantados pela narrativa poderia ter sido desenvolvida de maneira mais proveitosa.

Ainda, cabe aqui outra autocrítica que diz respeito ao trabalho como um todo: talvez tivesse sido mais interessante trabalhar com uma quantidade menor de histórias. Acho que ao longo do processo acabei assumindo a ampliação do imaginário dos alunos como o maior objetivo desta pesquisa, entretanto esqueci que também era preciso que as crianças se apropriassem das histórias contadas, que adicionassem suas próprias camada de sentido, e que para que isso ocorresse, talvez fosse necessário dedicar mais tempo a cada narrativa.

Contudo, como não é possível voltar no tempo, apresento algumas reflexões acerca dos enredos das duas histórias contadas nesse primeiro momento. Inicialmente, associei a história de Abdula e Mohammed ao conceito de narrativa trazido por Benjamin. Ela tinha nitidamente a função de transmitir um conselho, uma sabedoria, como bem notado por uma de minhas alunas, que disse “Eu gostei da história porque ela mostra que a gente pode dar uma segunda

chance para os outros”. Afinal, o ato de salvar o amigo ficou perene registrado na pedra; enquanto o de agressão, ao ser marcado na areia, foi logo esquecido.

Enquanto professora, fiquei me questionando acerca da índole da primeira história, disse para meus alunos “não seguirem ela ao pé da letra”. A princípio acreditei que ela mostrasse ao seu ouvinte que se deve matar aquele que te traiu e nunca perdoá-lo. Me perguntei se era essa a mensagem que eu queria passar para meus alunos, uma vez que eles já cometem uma quantidade significativa de agressões físicas com seus colegas.

Pensando nisso, achei que também seria de bom tom contar a história de Abdula e Mohammed em seguida para apresentar um contraponto. Eu acreditava que tudo estava girando em torno do perdão e da personalidade dos personagens. Achava que a Galinha não havia perdoado sua amiga pois, além de assassina, ela era rancorosa; já Mohammed, teria perdoado seu amigo por ser bondoso, gentil. A Galinha seria má e Mohammed seria bom.

Imersa nesse binarismo simplista que é difundido por grande parte das narrativas a que temos acesso, acabei me esquecendo de prestar atenção nos detalhes. Adicionando uma nova camada de sentido, pude perceber que as duas histórias não se contrapunham, mas se completavam.

A Barata traiu a confiança da Galinha e machucou seus sentimentos. Já Abdula, cometeu um erro e machucou fisicamente seu amigo, mas Mohammed nem se lembrava o motivo da agressão física, não importava. As duas histórias ensinam aos seus ouvintes lições importantes. A galinha, a estabelecer limites e Mohammed, a perdoar o que é digno de perdão.

Por fim, ambas as histórias dão abertura para que seus ouvintes a interpretem de sua maneira. Essa foi a camada de sentido que eu adicionei depois de revisitar as narrativas algumas vezes e de acordo com o meu contexto. Uma das belezas da narrativa é que elas são passíveis de diversas interpretações.

3. CRIANÇAS, ME CONTEM UMA HISTÓRIA

Depois de ter contado as duas histórias e ter recebido uma entrega muito positiva dos alunos, achei que seria um bom momento para seguir rumo ao próximo objetivo: realizar um trabalho com o teatro e criação de histórias pelas crianças.

Em última instância, queria produzir cenas com roteiros pensados por elas. E essa não é uma missão simples. Dadas as minhas circunstâncias, então, ela era quase impossível. Estava trabalhando com uma sala de vinte e sete crianças de sete anos que tinham tido um contato com o teatro muito embrionário. Somado a isso, tínhamos um total de oito aulas de 45 minutos para vencer esse grande desafio.

Entretanto, no início nada disso pareceu importante, de forma que eu me joguei de cabeça nesse sonho. Como as duas histórias contadas giravam em torno da amizade, propus aos alunos que, em grupos, pensassem em uma narrativa entre dois ou mais amigos. Instruí que pensassem em quem seriam os personagens, onde a história havia acontecido, qual era a situação/conflito e como os personagens conseguiram resolvê-la.

Os alunos, então, fizeram o que podiam.

Grupo 1: O Urso, o Macaco e o Dragon Ball eram integrantes do “time dos gigantes” e estavam jogando uma partida de futebol contra o “time dos pequenos”. O “time dos gigantes” tentou fazer vários gols. Em uma de suas tentativas, acabou quebrando a rede e mesmo assim não conseguiu marcar seus pontos, pois o gol estava impedido. Ao final da partida, todos viraram amigos.

Grupo 2: Uma líder de torcida, o Stitch, o Cristiano Ronaldo e o Neymar estudavam todos na mesma escola. Os craques estavam jogando na quadra da escola e viraram amigos das duas outras personagens.

Grupo 3: A história se passou no “Reino dos Doces”. A princesa e a rainha dos doces passaram o dia passeando e voltaram para seu castelo no fim do dia. Da janela, elas avistaram um Dinossauro Rex comendo os doces de seu jardim. Por sorte, logo apareceu uma dupla de super-heroínas dos doces que disse para o Dinossauro que o que ele estava

fazendo era errado. O Dinossauro pediu desculpas e foi assim que todos eles viraram amigos.

Grupo 4: A Peppa Pig tem uma quadra de futebol no fundo da sua casa e vários amigos que não se conhecem entre si. Ela decide fazer um churrasco para entrosar seus colegas. Para a sua confraternização ela convida Dead Pool, Mbappé, Calleri, Juan Isquierdo, Naruto e Stitch. Pela metade do segundo tempo, O Juan passa mal, Naruto tenta ajudá-lo, mas seu amigo infelizmente morre.

Passada essa aula, gostaria que os alunos desenvolvessem com mais detalhes as situações que haviam trazido. Para o quarto encontro, propus que eles fizessem alguns improvisos de acordo com as circunstâncias levantadas. Mas novamente, o improviso teatral não é algo simples, envolve muitas habilidades que eu não tive tempo de desenvolver com a sala.

Apesar disso, as crianças se entregaram à proposta, todos queriam participar e lutavam para serem chamados. As cenas não se desenvolveram muito, ficamos a maior parte da aula tentando entender o funcionamento da dinâmica do improviso. Sendo assim, não irei me alongar na descrição de tal encontro.

Ao final deste dia, me vi diante de uma escolha. Investir no trabalho com as histórias e cenas levantadas pelas crianças ou voltar atrás e dedicar mais tempo a narrativas que ampliassem seu repertório. Os alunos trouxeram em suas histórias personagens e situações que estavam disponíveis em seu imaginário, e seria possível realizar um trabalho interessante com esses elementos se eu optasse por priorizar a vertente da criança performer e contadora de histórias.

Entretanto, naquele momento entendi que para este projeto, era importante que trabalhássemos com mais algumas histórias.

4. E COMO ACABA?

A rota precisou ser recalculada e os objetivos readequados. Eu continuaria trazendo novas narrativas, mas também queria que as crianças tivessem algum protagonismo nesse movimento. Pedi ajuda para meu amigo Matheus, ele sempre me auxilia com boas ideias e ouvidos atenciosos, e desta vez não foi diferente. Em nossa conversa, refleti bastante sobre o que eu estava enxergando enquanto teatro. Achava que estaria abrindo mão dessa linguagem ao deixar de lado o trabalho com as cenas das crianças.

Entretanto, readequei o meu olhar para almejar o desenvolvimento de elementos do teatro ao invés da construção de uma dramaturgia. Através das narrativas, poderíamos nos dedicar à nossa imaginação e escuta, refletir acerca do enredo das histórias, explorar diferentes vozes, dentre outras tantas possibilidades. O teatro já estava conosco. Eu precisava apenas enxergá-lo.

4.1. Lebre e Girafa

Com minhas lentes ajustadas, saí em busca de uma nova história, uma vez que o meu breve repertório já havia se esgotado. Encontrei em uma pesquisa na internet, um conto africano que girava em torno da pergunta “como a girafa perdeu a voz?”. Assim, achei que uma boa maneira de fazer com que os alunos se implicassem também na contação seria pedindo para que eles criassem comigo. Eu contaria o começo e o meio da história, e eles, o final.

Nesse movimento, passei a me enxergar também enquanto criadora. Fui tomada por diversas ideias e acabei por transformar a maior parte da narrativa original antes de levar para as crianças, fato que tornou tudo mais divertido. Vale acrescentar que para esta contação eu confeccionei dedoches dos personagens, com a ideia de que, ao final, os alunos fizessem os deles também.

Antes da contação então, jogamos algumas partidas de um *jogo de comandos* e assim, com jogo jogado, roda arredondada e sapo acordado, a contação havia de começar. Segue a versão da terceira história redigida por mim:

Como a girafa perdeu a voz?

Eu não sei se vocês já repararam, mas, Girafa não fala. Ela não emite nenhum som. E isso é porque há muito tempo atrás ela perdeu a sua voz... e por incrível que pareça, tudo começa com uma Lebre.

A Lebre sempre quis ter uma irmã. Ela era filha única fazia cinco anos já e sonhava com o dia que teria uma irmãzinha para brincar e cuidar.

Ela pediu a seus pais que arransassem uma para ela e eles apenas disseram: “você deve fazer esse pedido para a Lua Lebrezinha, apenas ela poderá te ajudar...”. A Lebre achou meio estranho, mas resolveu seguir o conselho de seus pais.

Naquele dia, ela esperou o anoitecer para fazer seu pedido. No entanto, ela não encontrou a lua no céu. A Lebre tentou ficar acordada na esperança de que a Lua aparecesse, mas depois de tanto lutar contra o seu sono, ela perdeu a batalha.

Na manhã seguinte, a Lebre acordou enraivecida e foi tirar satisfação com seus pais. “Vocês disseram que era pra eu pedir minha irmãzinha pra Lua, mas ela nem apareceu!”. “Você precisa ser paciente Lebrezinha, a Lua é uma circunferência muito ocupada...”.

Na noite daquele dia, a Lebre esperou novamente pela Lua. Logo no início de sua espera ela avistou um filete bem fininho de Lua lá longe. Empolgada, ela não esperou para lançar seu pedido “Lua!!! Eu quero uma irmãzinha!!!! Me dá uma irmãzinha por favor!!!”. Seus pais acordaram assustados com os berros e colocaram a animada Lebrezinha para dormir.

No dia seguinte, a Lebre acordou num pulo: “Cadê a minha irmãzinha?!?!?!” Ela passou o dia inteiro procurando sua irmã, mas não a encontrou. Seus pais a consolaram novamente: “Você precisa ser paciente Lebrezinha, a Lua é uma circunferência muito ocupada...”.

Naquela noite, a Lebre não quis nem olhar para a curvatura da Lua. Virou-se em sua cama e adormeceu de mal com a branca claridade da noite.

Algumas noites se passaram enquanto a raiva da Lebrezinha ia se dissolvendo. Até que certa noite, a Lebre, ao olhar para o céu, se deparou com uma enorme e amarela bola. Ela nunca havia visto a Lua daquela maneira. A Lebrezinha engoliu seu orgulho e com toda delicadeza que conseguiu encontrar em si, pediu ao Sol noturno: “Oi Lua... desculpa por ter gritado com você e te ignorado depois... é que eu gostaria muito de uma irmãzinha Lua... mas não se preocupe, eu estarei pronta para recebê-la assim que você estiver pronta para enviá-la”. Depois de seu pedido, a Lebrezinha adormeceu.

Na manhã seguinte, ela acordou com a agitação de seu vilarejo. Todos estavam reunidos em volta de um cesto, e de longe, era possível ouvir um alto e desesperado choro de bebê. Quando a Lebrezinha se aproximou, pode avistar uma pequenina Girafa. Sua irmã havia chegado.

O problema foi que a Lebre não foi muito com a cara dessa tal de Girafa. Ela só chorava. E consumia toda a atenção de seus pais!

E assim, a Girafa foi crescendo. E à medida que seu pescoço aumentava, mais ela falava. A pescoçuda falante virou o centro das atenções da vila e começou a se achar com isso. Enquanto isso, a Lebre ficava cada vez mais calada e aborrecida.

Neste ponto, pedi para que os alunos se dividissem em quatro grupos e pensassem em um final para a história a partir da pergunta “como a girafa perdeu a voz”. Dessa forma, foram levantados os seguintes desdobramentos:

Grupo 1: A lebre pediu ajuda aos amigos dela. Juntos, eles colocaram um veneno numa pizza bem apetitosa. A girafa comeu com gosto e logo ficou sem voz.

Grupo 2: Havia uma abelha que era guardiã das vozes. Observando a falação da girafa, a abelha certo dia, tirou a “bolinha de voz” da pescoçuda.

Grupo 3: A Lua havia dado para Girafa um número limitado de palavras para ela dizer durante sua vida toda, e ela acabou esgotando elas antes do que esperava.

Grupo 4: A Lua era muito ocupada e tinha confundido os pedidos dos bichos e mandado a Girafa por engano para a Lebre. Já que a Lua lhe devia um favor, a Lebre pediu que ela tirasse a voz de sua irmã. A circunferência demorou, mas realizou o desejo da Lebre.

Cada grupo compartilhou o seu final e a aula logo acabou, de maneira que a confecção dos dedoches acabou ficando para outro momento.

Figuras 1, 2 e 3: Contação *Como a Girafa perdeu a voz?*



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

4.2. Ananse

Como já estávamos nos encaminhando para as últimas aulas, quis levar ao final uma história que explicasse como o sapo teria virado guardião das nossas histórias. Para isso, me inspirei em uma narrativa de Ananse intitulada “Ananse vira o dono das histórias”.

Tive contato com essa narrativa através do livro “Histórias de Ananse”, escrito por Adwoa Badoe e Baba Wagué Diakité. Neste livro, estão presentes diversos contos protagonizados por esta personagem, que é uma aranha muito esperta. Segue a sinopse presente na contracapa:

Bem-humoradas e cheias de sabedoria, as histórias de Ananse são inacreditáveis. Transmitidas de boca em boca e bastante populares na região de Gana, na África Ocidental, elas falam de costumes, tradição, ética e respeito, mantendo-se vivas na memória do povo desde há muito tempo. Ananse é uma aranha que se comporta como gente. Diante das enrascadas em que se mete, sempre encontra uma maneira de agir com astúcia, de bolar uma artimanha, de passar a perna em seu adversário. Como é um personagem totalmente humano, Ananse às vezes se dá bem, outras vezes não! (BADOE, DIAKITÉ, 2006)

Cativada por suas aventuras, escolhi ler para as crianças o conto que explicava como Ananse teria virado dono de suas histórias. Para essa leitura, como haviam falas de diversos personagens, procurei modular a voz de outras maneiras. Para narrar em terceira pessoa, utilizei um registro de peito que fosse confortável; para Ananse, busquei um tom mais grave do que o meu natural; para as abelhas e gnomos, explorei os agudos; e para a Nanka, brinquei de estender a letra “s” sempre que ela aparecia.

Assim, quando chegamos na sala fizemos um jogo bem divertido para acordar nossos sentidos: imitamos animais. Passamos por todos os personagens de nossas histórias e mais alguns. Então, com jogo jogado, roda arredondada e sapo acordado, a leitura havia de começar. Segue a quarta história contada para as crianças, presente das páginas 33 à 37 do livro citado:

Ananse vira o dono das histórias

Apenas uma coisa preocupava Ananse: como ele seria lembrado quando morresse! Seria bom poder deixar uma reputação. Seria bom poder ser lembrado entre os grandes e cantado como heroi.

Mas Ananse não dispunha de bravura militar, força assombrosa e sábios provérbios. Tinha apenas sua astúcia. Ele vivia de sua astúcia.

"Seria bom", pensou, " se todas as histórias me pertencessem."

— "As histórias de Ananse" — ele proferiu, em voz alta, e achou que soava bem. Todos se lembrariam dele quando passassem as noites contando histórias.

Ananse não perdeu tempo vangloriando-se do título. Mas, quando o rei das florestas ouviu falar daquilo, disse a Ananse:

— Nomes grandiosos são dados àqueles que empreendem grandes façanhas. O que você fez para merecer tal honra?

— Submeta-me a uma prova, grande rei, e descobrirá que não mereço menos — respondeu Ananse, sem se deixar perturbar.

— Até hoje ninguém capturou, com vida, três coisas: *Wowa*, a família inteira de abelhas melíferas (*que produzem mel*); *Aboatia*, da floresta de gnomos; e *Nanka*, a píton (*uma serpente de presas afiadas*). Realize esse feito e as histórias serão suas.

— Estou à sua disposição, majestade — respondeu Ananse — Embora seja pequeno, aprendi a descobrir as fraquezas dos grandes. Em três dias, terá prova de minha superioridade.

Ananse passou a noite seguinte planejando suas conquistas e, de manhã cedo, iniciou sua jornada.

Todo mundo sabe como as abelhas são ocupadas e como ficam zangadas quando as perturbamos e como aferroam quando as aborrecemos.

Ananse levou isso em consideração quando se aventurou até a colmeia.

— Devem existir muitas de vocês por aqui — ele disse, como forma de saudação.

— Somos trezentas — respondeu a operária-chefe.

— O quê? — gritou Ananse. — Disse que são duzentas?

— Trezentas — repetiu a abelha.

— Oh. Ouvi dizer que eram duzentas, na semana passada — mentiu Ananse. — Deve haver duzentas de vocês.

— Trezentas — zumbiu a operária-chefe, irritada.

— Duzentas — insistiu Ananse, em tom de desafio.

Em pouco tempo, muitas abelhas entraram na discussão e todas gritavam os números que haviam contado.

— Muito bem — bradou Ananse, calando o zumbido. — Para resolver essa questão de uma vez por todas, por que não me deixam contá-las?

A sugestão pareceu justa aos interessados. Ananse mostrou às abelhas uma garrafa e disse:

— Basta que voem, uma de cada vez, para dentro da garrafa, que eu as contarei.

A primeira foi a operária-chefe e, uma de cada vez, todas entraram na garrafa, até mesmo a rainha.

- Quantas somos? — indagaram as abelhas.
- Trezentas — respondeu Ananse, selando a boca da garrafa.
- Eu falei — disse a operária-chefe.
- Sim, mas agora capturei todas vocês! — disse Ananse. Embora zunessem com toda sua força, ele as carregou até sua casa.

No dia seguinte, Ananse cortou um grande cacho de bananas douradas e maduras de sua fazenda e arrastou-o até uma parte da floresta onde os gnomos viviam. Bem, o fato é que eles eram muito espertos.

Podiam correr silenciosamente pela selva numa velocidade tão alta que o olho humano não conseguia enxergá-los. Só se percebia o vento da sua movimentação. Também podiam ficar tão imóveis de pé que as pessoas achavam que eram tocos de velhas árvores. Na verdade, pouca gente vira um gnomo da selva, e a maioria duvidava da existência deles.

Parando no interior da floresta, Ananse anunciou, como se falasse consigo mesmo:

— Estou exausto. Vou deixar minhas bananas aqui e voltar para pegá-las amanhã.
Fingiu ir embora, mas se escondeu sob uma bananeira, cobrindo-se com suas largas folhas.

Não demorou para que um gnomo saísse de seu esconderijo.

— Ah, bananas douradas e madurinhas, do jeito que eu gosto! É melhor comer minha parte antes que ele volte.

O gnomo comeu tanto que mal conseguia ficar de pé. Então, comeu mais até mal conseguir se sentar. E, ainda, comeu até se deitar de costas e rolar de um lado para outro, com dor de barriga.

Ananse veio andando. O gnomo tentou fugir, mas escorregou nas cascas de banana e caiu de barriga para baixo. Ananse o agarrou pela nuca e o jogou num saco, carregando-o para casa.

No dia seguinte, Ananse estava andando perto do rio onde *Nanka*, a píton, se banhava.

— Ah, *Nanka*, todos falam de sua pele magnífica e de seu tamanho majestoso.

— Ah, sim — *Nanka* concordou. — Não há ninguém tão magnífico quanto eu.

— Eu me pergunto qual é seu comprimento exato. Cortei este pedaço de bambu em meu sítio, e ele parece maior do que você.

— Bobagem — sibilou a serpente.

— Bem, se não se importa, poderia ficar ao lado dele por um minuto, só para provar que estou errado?

— Está bem — concordou a píton. — Mas seja rápido.

Depois de um minuto, *Nanka* perguntou:

— Então, Ananse: Qual é o mais comprido?

— Hum — ponderou Ananse. — É difícil dizer porque seu pescoço e sua cauda não param de se mexer. Espere um instante que vou amarrá-los ao bambu.

Ananse rapidamente prendeu bem o pescoço e a cauda da serpente.

— Ótimo — ele disse. — Eu a peguei.

E, com isso, carregou a píton, as abelhas e o gnomo para o rei das florestas.

O monarca ficou impressionado. Ele reconheceu a grandeza de Ananse e o consagrou como dono das histórias.

Até hoje, em todo lugar onde se contam histórias, o nome de Ananse é mencionado como o senhor das melhores narrativas.

Terminada a leitura, conversamos um pouco sobre Ananse. Um dos alunos disse: “Ananse é malvado. Ele enganou os animais.” De forma que a maior parte da turma concordou com ele e, achava que além disso, Ananse era mentiroso.

Mas juntos fomos entendendo que Ananse, apesar de ser uma aranha, se comportava como humano, e que nenhum humano é completamente bom ou mau. Questionei quem dos meus alunos nunca havia mentido, ou feito algo que se arrependesse. Silêncio. Concluímos que Ananse pode buscar ser uma pessoa melhor, como todos nós sempre podemos, mas que isso não lhe tirava o crédito de suas conquistas. Afinal, havíamos de reconhecer a astúcia e perspicácia de Ananse.

4.3. Sapo

Nossa penúltima aula havia chegado e os alunos estavam curiosos para saber como o sapo tinha virado o dono das nossas histórias. Eu criei essa narrativa inspirada em Ananse, mas também usei como inspiração a música “Formiga”, do *Cacuriá de Dona Teté*.

Dedicamos o momento inicial da aula para aprendermos a música que fazia parte da nossa história e usamos ela para acordar nossos sentidos. Cantamos assim:

Formiga me mordeu

Formiga me mordeu

Formiga me mordeu no carnaval

O que tu foi fazer?

O que tu foi buscar?

Fui cortar cana pra nós chupar

Dessa forma, com música cantada, roda arredondada e sapo acordado, a contação havia de começar. Segue a versão da quinta história escrita por mim:

Como o Sapo virou guardião das histórias?

O sapo adorava ficar escondido na mata para escutar a conversa dos outros bichos. Com sua pele verde, ele se camuflava perfeitamente. Ele usava sua grande língua para capturar deliciosos mosquitos e espalhar por aí as histórias que ouvia.

Certo dia, como de costume, ele havia ido almoçar em seu lago preferido. Ele era grande, cheio de vitórias régias e pedra imponentes. O sapo então ouviu alguns bichos se aproximando e logo foi para seu esconderijo escutar a conversa. A capivara contava para a tartaruga como Ananse havia virado o dono das histórias.

No meio de sua escuta, o sapo avistou um suculento mosquito. Ele esperou o inseto ficar bem paradinho, rente a água estática e... se deliciou com suas asinhas crocantes. Quando o sapo se deu conta, a capivara já estava no final da história e tudo que ele conseguiu ouvir foi: (*Nesse momento, fiz uma rodada de telefone sem fio com as crianças passando a seguinte frase*) “Ananse amarrou Nanka num pedaço de bambu e levou para o rei”.

Quando a história (*frase modificada pela brincadeira*) chegou em Ananse, ele ficou furioso. Resolveu chamar o sapo para tirar satisfação. “Eu não aguento mais essas suas histórias mal contadas, Sapo. Sempre me maldizendo pela vila!”.

O Sapo, ciente de sua curiosidade, disse então: “Ora Ananse, se você partilhasse suas histórias comigo, eu não precisaria ficar ouvindo-as pelos cantos e saberia os detalhes de cada fato...”

“Apenas autores de grandes feitos podem possuir minhas histórias” disse Ananse.

“Submeta-me a uma grande prova e verá que não mereço menos” disse então o Sapo.

Ananse respeitou a coragem do Sapo e começou a pensar num feito que ninguém nunca havia conseguido realizar. “Sapo, ainda há uma coisa que nenhum bicho conseguiu fazer: pegar uma cana docinha pra chupar sem levar nenhuma mordida de formiga. Se conseguir realizar esse feito, compartilho minhas histórias com você.”

O Sapo achou que Ananse estivesse de brincadeira. Ele nunca tinha sido picado por nenhum inseto antes, achava que sua gosma epidérmica o protegia de tudo. No dia seguinte, chegou ao canavial muito confiante. Avistou o pé de cana mais bonito e foi até ele. Com uma mão o segurou, e com a outra, quando foi pegar sua faca... AI!

Formiga me mordeu

Formiga me mordeu

Formiga me mordeu no canavial

O que tu foi fazer?

O que tu foi buscar?

Fui cortar cana pra nós chupar

Mas o sapo não ia se render tão rápido. Ele resolveu tomar medidas mais drásticas: o gosto de uma formiga não devia ser muito diferente que o de mosquito, afinal.

No dia seguinte, chegou ao canavial confiante. Avistou o pé de cana mais bonito e foi até ele. Com uma mão o segurou, e logo viu uma formiga se aproximar. Ele esperou ela chegar bem pertinho, estendeu sua grande língua e... AI!

Formiga me mordeu

Formiga me mordeu

Formiga me mordeu no canavial

O que tu foi fazer?

O que tu foi buscar?

Fui cortar cana pra nós chupar

Mesmo com duas mordidas, o Sapo não estava disposto a se render. Resolveu bolar um bom plano, como os de Ananse, com algo que pudesse distrair as formigas enquanto ele cortasse seu pedaço de cana.

Nesse momento, pedi que as crianças pensassem em como o Sapo teria conseguido cumprir a missão colocada por Ananse. Elas sugeriram dois finais:

- O sapo teria feito uma armadilha com pedaços de macacada, que é um doce muito doce feito de banana, coco, rapadura e canela. As formigas se distraíram e o Sapo conseguiu pegar um pedaço de cana bem docinho sem levar nenhuma mordida de formiga
- O sapo fez uma armadilha com um punhado de sal. As formigas acharam que era açúcar e se distraíram. Isso deu tempo para que ele pegasse um bom pedaço de cana.

5. O QUE FICA?

Para finalizar a nossa sequência de encontros, propus que os alunos confeccionassem seus próprios dedoches, de forma que cada um escolheu uma das personagens que havíamos visto nas histórias. Ofereci alguns olhinhos de plástico para eles colarem em seus personagens, fato que colaborou com o engajamento.

Num geral, a aula foi prazerosa, era dia 31 de Outubro, então as crianças estavam fantasiadas de *halloween* e o clima estava descontraído. Os alunos se envolveram com suas confecções e brincaram com os dedoches. Dito isso, seguem nas páginas seguintes algumas fotos desse encontro.

Figuras 4, 5 e 6: Dedoches *Por que Galinha come Barata?*



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figuras 7 e 8: Dedoches *Como a Girafa perdeu a voz?*



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figuras 9, 10 e 11: Dedoches *Ananse vira o dono das histórias*



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figuras 12, 13 e 14: Dedoches *Como o Sapo virou guardião das histórias?*



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

O INÍCIO DE UMA HISTÓRIA

Quem escolhe as histórias para as crianças de hoje são as crianças de ontem. Como numa corrida de revezamento, a criança de uma geração recebe uma tocha e atravessa a vida carregando-a acesa na profundez da memória para entregá-la à criança que espera ansiosa na próxima curva do caminho. (GIRARDELLO, 2014, pg. 19)

As histórias deste trabalho foram escolhidas pela minha criança, pela vontade dela de que todos pudessem brincar de faz de conta. Assim, elas foram passadas para os alunos, que agora têm a missão de entregá-las às próximas crianças. Por sorte, é possível dizer que esse movimento já está iniciado. Uma aluna, no início das aulas, sempre fazia questão de comentar “prô, eu contei a história da semana passada para meus pais e minha irmã, eles gostaram”.

Além de histórias, levamos alguns aprendizados deste processo. Ao realizarmos um trabalho com contos que se distanciavam de clássicos como o de *chapeuzinho vermelho*, tivemos a oportunidade de desconstruir alguns estereótipos acerca das narrativas, principalmente das tidas como *infantis*. Vimos que nem sempre o final de uma história precisa ser feliz e que personagens podem ter complexidades, sendo bons e maus ao mesmo tempo.

O trabalho com a oralidade por sua vez, permitiu que o teatro se fizesse presente. Como narradora, transmiti algumas experiências humanas (e animais) aos alunos, e estabeleci uma conexão com eles. Juntos ultrapassamos o meu imaginário individual e o transformamos em coletivo.

Já eles, também tiveram a oportunidade de narrar suas histórias, se implicando neste processo. Num primeiro momento, compartilharam seus mundos de maneira mais livre, criando a partir de suas referências. Num segundo, de forma mais direcionada, criaram possíveis desfechos para as histórias que eu havia trazido. Em ambos os momentos, tanto os alunos, quanto eu, nos colocamos enquanto protagonistas e criadores de nossas histórias.

Por último, esta pesquisa tinha como objetivo também, de alguma maneira, retribuir para a sociedade o que ela havia me oferecido durante a formação. É difícil mensurar se isso foi atingido, entretanto, é possível enxergar os afetos que foram criados. As crianças se aventuraram comigo em universos desconhecidos, acolhendo cada detalhe de minhas

propostas. Juntas, nos divertimos, nos tornamos amigas. Este é o fim de um episódio, mas apenas o começo de uma história.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete. **Sociologia da infância: traçando algumas linhas.** *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 8, n. 2, jul.-dez. 2018.

ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. **Descolonizando as pesquisas com crianças e três obstáculos.** *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 35, n. 127, p. 461-474, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v35n127/v35n127a07.pdf>. Acesso em: 24 maio 2020.

ABREU, Luís Alberto. **O narrador contemporâneo: considerações a partir do narrador de Walter Benjamin.** 2010. (Texto não publicado.)

TED. **Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história.** 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg> . Acesso em: Novembro de 2024.

BADOE, Adwoa; DIAKITE, Baba Wagué. **Histórias de Ananse.** São Paulo: Edições SM, 2006.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: ---_ Magiae técnica, arte e política. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1976. (Coleção Obras escolhidas, v. 1).

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação infantil e ensino fundamental.** Brasília, DF: MEC, 2017.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

FU-KIAU, Kimbwandende Kia Bunseki; LUKONDO-WAMBA, A. M. **Kin-dezi: The Kongo Art of Babysitting.** c 1988. Baltimore: Inprint Editions, 2000.

GARCIA, L. **Da criança atuante à criança performer aos corpos infantis biomediados no contexto latinoamericano.** Pitágoras 500, Campinas, SP, v. 12, n. 00, p. e022006, 2022. DOI: 10.20396/pita.v12i00.8670435. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pit500/article/view/8670435>. Acesso em: 11 abr. 2024.

GIRARDELLO, Gilka. **Horizontes da autoria infantil: as narrativas das crianças na educação e na cultura.** Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL, Londrina/PR, n. 20, p. 14-27, 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31472/22038>. Acesso em: 24 maio 2020.

_____. **Uma clareira no bosque: Contar histórias na escola.** Campinas: Papirus, 2014.

HARTMANN, Lucianna. **Crianças Contadoras de Histórias.** Brasília: Editora UnB, 2020.

_____. **Equilibristas, viajantes, princesas e poetas: performances orais e escritas de crianças narradoras.** Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL, Londrina, n. 20, p. 48-67, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31474>. Acesso em: 23 maio 2020.

KAERCHER GEP da S, PEREIRA GF. **Performance e Ancestralidade: o que a cosmologia bakongo ensina sobre a infância negra brasileira?.** Rev Bras Estud Presença [Internet]. 2023;13(1):e124023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-2660124023vs01>

NOGUERA, Renato. **O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. Momento: diálogos em educação**, v. 28, n. 1, p. 127-142, jan./abr. 2019-a.

RODRIGUES DE SOUSA CHAVEIRO, M. M.; SIMÕES MINELLA, L. **Infâncias decoloniais, interseccionalidades e desobediências epistêmicas.** Cadernos de Gênero e Diversidade, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 99–117, 2021. DOI: 10.9771/cgd.v7i1.43661. Disponível

em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendif/article/view/43661>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula: o livro do professor**. São Paulo: Perspectiva, 2007.